

Roda de Conversa e lançamento do

Dossiê desastres e crimes da mineração em Barcarena

Vila do Conde, neste sábado - 25/01/2020

Um ano da tragédia-crime de Brumadinho

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/NAEA lança o Dossiê Desastres e crimes da mineração em Barcarena, em Vila do Conde, para comunidades atingidas pelos impactos socioambientais, organizado pela Professora Edna Castro, do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, do IFCH/UFPA.

O 25 de janeiro de 2020, quando ocorrerá a Roda de Conversa e o Lançamento do Dossiê completa um ano da tragédia-crime ocorrida em Brumadinho, em Minas Gerais. O rompimento da barragem de rejeitos da mina do Córrego Feijão, da empresa Vale, deslocou com muita violência e arrastou pro fundo da lama, vidas e sonhos de muitas famílias. Matou 259 pessoas, além de 11 que permanecem soterradas no meio da lama tóxica que se projetou e cobriu imenso território com moradores, campos, áreas de agricultura, pastoreio, áreas de pesca, de floresta e cursos d' água.

Barcarena - Os autores do Dossiê tratam dessas questões, centralizando as análises no último e maior desastre provocado pelas empresas de mineração em Barcarena, neste caso, o vazamento da bacia de rejeitos da empresa Hydro-Alunorte, em fevereiro de 2018. Lembram também que em fevereiro de 2020 completará dois anos o desastre e o crime da empresa Hydro-Alunorte em Barcarena, igualmente com vazamento da barragem de rejeitos e impactos graves sobre as comunidades ribeirinhas e o território de floresta atravessado por inúmeros cursos d' água. Esse quadro, de Minas ao Pará, representa o que sobrou para a sociedade brasileira da riqueza que faz da Vale uma potência mundial no setor da mineração, e à Hydro, uma empresa de ponta nos lucros advindos da exportação de *commodities* do alumínio, cuja matriz está na Noruega, país que se orgulha das práticas ecologicamente “corretas” e “exemplares, para a Europa e o mundo.

Dossiê - Este Dossiê se propõe a jogar luz sobre este tema nacional a partir de uma reflexão sobre o município de Barcarena, na Amazônia Oriental, onde a recorrência de desastres é registrada desde 2002. Evidenciam a linha do tempo dos desastres de 2002 a 2018, ou seja, 14 desastres, todos da mineração, confirme a seguir:.

2002 - derramamento de cerca de 100quilos de coque no rio Pará;

2003 - vazamento em grande proporção da lama vermelha da bacia de rejeitos da Alunorte, com contaminação do rio Murucupi; estouro de tanque de soda cáustica da Alunorte, causado contaminação no rio Pará; Chuva de fuligem em Vila do Conde, encobrendo praias, residências e comércios com material particulado de coloração preta;

2004 -vazamento de grande proporção de material proveniente da bacia de rejeitos da Imerys, com contaminação dos Igarapes Curupere e Dendê;

2005 - contaminação do rio Pará por soda cáustica da Alunorte;

2006 - vazamento de material proveniente da bacia de rejeitos da Imerys, com contaminação dos cursos d'água;

2007 - vazamento envolvendo rejeitos da Imerys, desta vez em maior proporção, atingindo o rio Pará;

2008 - vazamento de caulim no rio das Cobras e nos igarapés Curuperé, Dendê e São João;

2009 - vazamento de lama vermelha da bacia de rejeitos da Alunorte, atingindo várias comunidades;

2010 - Nuvem de fuligem que encobriu todo o bairro industrial;

2011 - rompimento de duto com efluentes ácidos da Imerys, atingindo os igarapés Curuperé e Dendê;

2012 - Vazamento de material da bacia de rejeitos da Imerys, contaminando o rio Maricá;

2014 - Vazamento de rejeitos da Imerys, contaminando os igarapés Curuperé e Dendê;

2016 - contaminação de praias, do rio Pará e do igarapé Dendê por metal pesado e resíduos de esgotamento urbano;

2018 - vazamento da bacia de rejeitos da Hydro-Alunorte, seguido da descoberta de duros clandestinos para despejar efluentes no rio Pará e desvio de drenagem irresponsável e criminoso.

Há porém, outros, registrados no Dossiê, mostrando uma incidência maior de desastre e crimes, como os provocados pelo porto (Navio Haidar, morte por afogamento de 5.000 cabeças de gado) e outras empresas.

O Dossiê fala ainda que mineração e desastres são inseparáveis, na sua introdução. E que os processos de reparação tem sido, na Amazônia, um espaço de mediação tensa, de expressão da violência em relação às vítimas. Um espaço de disputa de conceitos, de interpretações onde a lógica do benefício, e do lucro, subjaz à da justiça e à reparação de danos morais, físicos, éticos, de bens e de trabalho, os quais atravessam as dimensões da subjetividade dos sujeitos vitimados pelos desastres. Mas a natureza também fala, ela se transforma, ela se contorce, ela se metamorfoseia como revelam pesquisas sobre a biologia de seres marinhos pós-desastre de Brumadinho. Mas como reparar danos irreparáveis? Ao contrário, as empresas têm produzido discursos que se sobrepõem às vítimas, para defender seus interesses de mercado.

Estas e outras questões são tratadas neste volume que está composto de quatro partes. Ao todo são de 20 artigos que incluem os trabalhos realizados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará. E ainda, para mostrar a compatibilidade de situações de desastres da mineração no Brasil, são também autores, pesquisadores de outros estados com os quais a UFPA têm relações em redes de pesquisa, ou seja, do Amazonas, de Minas Gerais, do Maranhão, de Rondônia, da Bahia e de São Paulo.

Este Dossiê é publicado pelo NAEA/UFPA e estará disponível em e-book, na página do NAEA, de acesso livre.

(Texto elaborado pelo GETTAM/NAEA)